

## O CURIOSO CASO DO PMDB: DIGRESSÕES SOBRE BENJAMIN BUTTON E O CENÁRIO DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS

*The Curious Case of PMDB: Benjamin Button digressions and the scenery of municipal election*

Paulo Roberto Figueira Leal  
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)  
✉ pabeto.figueira@uol.com.br

**Resumo:** O artigo trata do papel que eleições municipais podem ter na configuração do jogo partidário nacional. Para tanto, aborda-se mais especificamente o caso do PMDB, maior partido do país, que desde 1994 não lança candidato próprio à Presidência da República.

**Palavras chave:** eleições municipais, PMDB, partidos, presidência.

**Abstract:** The article discusses the role that municipal elections can have in the configuration of national party's game. To this end, we discuss more specifically the case of the PMDB, the largest political party in the country, which since 1994 has not released its own candidate for president.

**Key words:** municipal elections, PMDB, political parties, presidency.

Com uma adaptação cinematográfica em 2008 (estrelada por Brad Pitt), um conto escrito por F. Scott Fitzgerald nos anos 20 do século passado tornou-se conhecido por milhões de cinéfilos: “O curioso caso de Benjamin Button” fez grande sucesso e recebeu numerosas premiações, ao contar a história de um homem que nasceu com características de idoso e que com o passar dos anos, caminhou em direção à infância, e não à velhice.

O interesse no enredo advém, sobretudo, do *nonsense* de acompanhar a subversão da ordem natural da vida, da quebra das expectativas de normalidade temporal. Nascer pequeno, desenvolver-se, crescer, assumir

responsabilidades maiores – eis o que costuma se entender por ordem natural e normalidade na experiência humana.

A vida dos partidos políticos não é muito diferente da história de homens e mulheres. Tal como nós, as agremiações partidárias também passam por variados ciclos vitais, e usualmente na sequência já descrita: a infância marcada pela pequenez, o crescimento paulatino, o enfrentamento de desafios maiores na maturidade...

Exemplos não faltam. Para ficar apenas numa experiência partidária brasileira, a sigla que há três mandatos ocupa a presidência – o Partido dos Trabalhadores (PT) – seguiu à risca o roteiro: o fraco desempenho em suas primeiras eleições (1982), as primeiras vitórias em capitais (Fortaleza, 1985), a chegada inesperada ao poder da maior cidade brasileira (São Paulo, 1988), a ampliação de espaços de poder em municípios e estados país afora e, enfim, o lento e progressivo processo de conquista do poder federal, em 2002, depois de três derrotas iniciais.

Essa sequência, contudo, não se aplica ao maior partido brasileiro, do ponto de vista do tamanho e da capilaridade: o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), tal como Benjamin Button, vem percorrendo uma trajetória totalmente inesperada. Já veio ao mundo poderoso: nascido do velho MDB das lutas contra a ditadura, foi fundado em 1980 já dispendo de larga estruturação nos municípios e estados, com grande base parlamentar. E as circunstâncias políticas do ocaso do regime militar levaram o partido à Presidência da República quando tinha pouco mais de cinco anos de vida.

Mas, a eleição de Tancredo Neves pelo Colégio Eleitoral, em 1985, fez o partido viver seu primeiro paradoxo: como a doença impediu a posse do presidente eleito, a única vez em que um quadro do PMDB ocupou a presidência foi pelas mãos de um peemedebista novo (José Sarney fez todo seu percurso político na velha UDN, depois na Arena e no PDS, filiando-se

ao PMDB apenas porque a Frente Liberal ainda não tinha existia formalmente como partido).

De lá para cá, em termos de disputas presidenciais, involução: derrota de Ulysses Guimarães (1989) e Orestes Quércia (1994) e, a partir daí, nenhuma candidatura presidencial – apenas indicação de vices em 2002 e 2010. Se normalmente os partidos costumam nascer pequenos, ganham as primeiras prefeituras, os primeiros governos estaduais e, com base nisso, consolidam seu cacife para disputas no grande cenário político nacional, como explicar a trajetória do PMDB – que nasceu grande, continua sendo o maior partido do país e simplesmente vem desde 1994 abdicando da disputa direta pela Presidência?

Por que o PMDB mantém-se grande nos municípios, nos governos estaduais, no Congresso Nacional, mas não lança candidatos presidenciais? De duas, uma: ou o partido não consegue sonhar com a conquista do Palácio do Planalto ou, ao contrário, encontrou uma fórmula para nunca sair das proximidades dele, mesmo sem ocupá-lo diretamente.

Um breve olhar sobre a jovem democracia brasileira talvez indique que a segunda possibilidade deve ser levada em conta. Todos os presidentes eleitos desde 1989 contaram com o PMDB em suas bases de apoio parlamentar. Collor, FHC (no primeiro mandato) e Lula (também no primeiro mandato) foram eleitos sem contar com o PMDB em suas campanhas, mas logo após assumirem a presidência chamaram o partido para o governo. Os segundos mandatos de FHC e de Lula, bem como o atual de Dilma, já contaram com o apoio de frações majoritárias do PMDB desde as campanhas.

Resumo da história: a estratégia do PMDB tem sido, desde meados dos anos 1990, ser tão grande e tão importante, que nenhum presidente pode abdicar de contar com o apoio do partido para governar. Diz-se jocosamente, nos corredores do poder em Brasília, que é sempre difícil

governar tendo o PMDB como parceiro; é impossível, contudo, governar sem ele. Noutras palavras, o partido encontrou uma fórmula para nunca sair das cercanias do Palácio do Planalto mesmo sem ter chegado a ele.

É com base nessa constatação que as eleições municipais de 2012 podem ser avaliadas segundo uma perspectiva distinta da usual. Mais do que disputas de postos de mera repercussão local; mais do que simples preparação do tabuleiro para eleições nacionais futuras; e mais do que exercícios partidários com vistas à conquista de terreno para um melhor posicionamento estratégico posterior: as eleições em nível local são, em si mesmas, parte central da dinâmica política nacional que explica casos como o do PMDB.

Eleições municipais não são um estágio prévio, anterior, a real disputa do poder nacional, que se daria daqui a dois anos: elas já são parte efetiva da disputa do poder nacional, porque seus resultados influenciam já, agora, as relações entre os partidos e suas conexões e/ou afastamentos no cenário nacional. Ao PMDB, por exemplo, disputas municipais e, adiante, estaduais, são as fontes do poder de barganha nacional do partido.

Vencer em muitos municípios e manter-se como a mais capilarizada das agremiações constitui capital político central para o partido continuar sendo uma noiva desejada por qualquer futuro parceiro que chegue ao Planalto. Essa percepção parece estar se disseminando por outras siglas: o PSB, histórico parceiro do PT, iniciou em 2012 uma série de rebeliões que o levaram a voos solo – em BH, em Recife, em Fortaleza –, que têm sido compreendidos como tentativas de inflar uma futura candidatura presidencial de Eduardo Campos.

A avaliação procede e é, em muitos sentidos, pertinente. Mas é insuficiente: a estratégia não é apenas viabilizar Eduardo Campos – é tornar a sigla socialista tão maior e tão mais importante que, mesmo que o governador de Pernambuco não dispute do Planalto, quem quer que o faça

e seja vitorioso (numa projeção possível, no contexto de hoje, nomes como Dilma ou Aécio) não possa prescindir do PSB como parceiro.

É óbvio que esse tipo de estratégia tem custos: o principal deles é a falta de coerência ideológica e de organicidade partidária em termos nacionais. Quando opções estritamente pragmáticas se impõem (importante passa a ser ganhar no maior número possível de lugares, independentemente de ao lado de quem ou com que tipo de alianças), aumenta a chance de descaracterização programática/ideológica.

Eis o paradoxo ilustrado pelo PMDB: o pragmatismo local que o torna grande é, ao mesmo tempo, o responsável pelo fato de que o maior partido do país não consegue sequer lançar um candidato à presidência.